

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

IRACEMA CANDIDA VIEIRA DA SILVA

**ESTUDO ANALÍTICO NAS OBRAS DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL:
“Vencer ou vencer” e “Aventura no império do sol” a presença feminina dentro do
âmbito esportivo.**

**São Cristóvão – SE
2019
IRACEMA CANDIDA VIEIRA DA SILVA**

**ESTUDO ANALÍTICO NAS OBRAS DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL:
“Vencer ou vencer” e “Aventura no império do sol” a presença feminina dentro do
âmbito esportivo.**

Monografia Apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de graduação em Educação Física Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe sob a orientação do professor Quéfren Weld Cardozo Nogueira.

**SÃO CRISTÓVÃO
2019**

Iracema Cândida Vieira da Silva

**ESTUDO COMPARATIVO NAS OBRAS NAS OBRAS DE LITERATURA
INFANTO-JUVENIL: "VENCER OU VENCER" E "AVVENTURA NO
IMPÉRIO DO SOL" A MODALIDADE VOLEIBOL**

Monografia aprovada como requisito para obtenção do título de Licenciado no curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.

Quêfren Weld Nogueira

Prof. Dr. Quêfren Weld Cardozo Nogueira - Orientador

Priscilla Kelly

Prof. (a) Dra. Priscilla Kelly Figueiredo - Membro Convidado

Hamilcar Silveira Dantas Junior

Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior - Membro convidado

São Cristóvão, 27/02/2019

AGRADECIMENTOS

Então o grande dia chega e tenho apenas uma palavra a dizer, obrigada, quero então agradecer a todos que estiveram junto comigo nessa tão longa jornada.

Agradeço primeiro a Deus que me deu força, me deu ânimo para conseguir chegar e sair dessa jornada que é a graduação, que me colocou de pé, que me sustentou quando o medo me parou no chão, agradeço também a Universidade Federal de Sergipe que me proporcionou grandes momentos de aprendizado, com extensões e atividades extras que me enriqueceram ainda mais como profissional.

Agradeço a instrumentalidade de cada professor que com dedicação, profissionalismo, competência e humanidade, não só transmitiu o conhecimento científico e técnico da área que escolhi seguir carreira, mas me fizeram crescer e amadurecer para conseguir enfrentar com destreza as intempéries da vida. Cheguei como uma jovem sonhadora, hoje saio com as ferramentas necessárias para conquistar e construir tudo que um dia foi sonhado, sabendo que nada será tão fácil, mas conseguirei. Obrigada professor, cada um de vocês foram essenciais, peças chaves para essa conquista, em especial ao professor Quêfren Nogueira, por muitas vezes reclamar, mas ainda assim acreditar que eu conseguia, nunca me esquecerei de cada palavra de apoio e incentivo ditas.

Agradeço aos meus pais Genival e Maria dos Prazeres, que fizeram todo esforço possível para que eu pudesse conquistar e ser grande na carreira que escolhi seguir, amo vocês, e nada poderia pagar tudo o que foi feito para mim, agradeço muito também as minhas irmãs Karina, Beatriz, Adriana e Débora, que sempre estiveram do meu lado cobrando, apoiando, incentivando e aplaudindo cada conquista, vocês são as melhores irmãs do mundo. Aos meus sobrinhos, Maria Luíza, Lucas Emmanuel e Bernardo por tornarem tudo mais leve e trazer a alegria nos dias de angústia, e claro, Sofia (in memorian), por me deixar forte, nos poucos dias que passou aqui na terra, a sua força me fortaleceu.

Agradeço as minha amigas Lorene e Vanessa, que festejaram comigo a aprovação como se fossem elas mesmas, vocês sonharam comigo e ainda que alguns momentos de longe.

Agradeço ao meu namorado Caio que chegou nessa reta final, mas compreendeu e apoiou todas as vezes que precisei ficar sem o ver algumas semanas. Agradeço aos meus pastores

Paulo Sergio e Josiani Fonseca por me ajudar todas as vezes que precisei, orando em todo tempo. Agradeço com aquele choro de gratidão a Michelle Andrezza por sua ajuda fundamental nessa etapa final, eu não sei que palavras usar para descrever a minha gratidão, sem sua ajuda eu não sei como tudo isso terminaria. Agradeço por fim, e não menos importante, a toda minha equipe de dança Kadoshi, que estiveram me dando suporte para que as atividades não parassem quando precisei me afastar por um período de tempo, é sempre muito bom ter com quem contar. A todos que se alegraram e choraram comigo, meu muito obrigada.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi desenvolver algumas reflexões com base em duas literaturas infanto-juvenis da coleção vagalume, “Aventura no Império do Sol” da autora Silvia Cintra Franco e “Vencer ou Vencer” do autor Raul Drewnick sobre o esporte voleibol praticado por mulheres, sobre a mulher no ambiente esportivo, não como telespectadora, mas como agente ativo, praticante da modalidade, e a prática pedagógica do esporte. Concluímos que mediante o avanço civilizatório e posições já conquistadas, a mulher ainda tem um caminho longo para percorrer, há muito para ser conquistado, pois mesmo a história nos mostrando as conquistas e mudanças ocorridas na sociedade, à mulher ainda não tem o prestígio e visibilidade que o homem tem. Enfim, mesmo que a participação feminina tenha aumentado de forma significativa nos últimos anos, no que se refere ao esporte de rendimento a sua aceitação ainda é limitada. O pouco conhecimento sobre como são dadas as aulas de educação física, o pouco conhecimento não dos profissionais da área, mas da população em geral, e essa falta de conhecimento leva a julgamento prévios se sem verdades. As observações foram feitas leitura após leitura, leituras rápidas e leituras mais detalhadas, buscando encontrar os pontos importantes a serem estudados.

Palavras-chaves: Voleibol, Mulher, Esporte

ABSTRACT

The objective of this work was to develop some reflections based on two infanto-juvenile literatures of the firefly collection, "Adventure in the Empire of the Sun" by the author Silvia Cintra Franco and "Win or Win" author Raul Drewnick on the sport volleyball practiced by women, on women in the sports environment, not as a viewer, but as an active agent, practitioner of the sport, and the pedagogical practice of sports. We conclude that through the advancement of civilization and positions already achieved, women still have a long way to go, there is much to be achieved, for even history shows us the achievements and changes in society, women still do not have the prestige and visibility that man has. Finally, even though women's participation has increased significantly in recent years, in terms of income sports, their acceptance is still limited. The little knowledge about how the physical education classes are given, the little knowledge not of the professionals of the area, but of the population in general, and this lack of knowledge leads to previous judgment if without truths. Observations

were made reading after reading, quick readings and more detailed readings, seeking to find the important points to be studied.

Keywords: Volleyball, Woman, Sport

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – CONCEITUALIZAÇÃO PEDAGÓGICA, ESPORTIVA E PROFISSIONALIZANTE DO ESPORTE E A INSERSÃO E ASCENSÃO FEMININA	11
PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	11
A HISTÓRIA DO ESPORTE E SUA PROFISSIONALIZAÇÃO	14
HISTÓRIA DO VOLEIBOL NO BRASIL.....	15
ESPORTE, MULHER.....	17
MULHER E FAMÍLIA.....	21
CAPÍTULO II – ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS LITERATURAS	22
CONCLUSÃO.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
BIBLIOGRAFIA	31

INTRODUÇÃO

Qual o propósito dessa pesquisa? Qual a importância de tratar esse assunto? Começo com essas duas perguntas, pois sempre serão elas que indicarão o caminho que seguiremos. O propósito inicialmente foi o trabalho de conclusão de curso, então escrever algo, sobre alguma coisa é importante, e sobre o que escrever importa muito mais, mas, não dá para escrever sobre qualquer assunto que não tenha importância para quem escreve, é necessária uma cumplicidade entre o escritor e sua obra. Sempre que pensei em como concluir o curso, a dança teria que estar presente, nunca imaginei escrever algo sobre qualquer outro assunto, minha mente sempre fechada e restrita em abordar apenas o que mais me agradava, o que já fazia parte do meu mundo, sem abrir portas para outras opções que poderiam me acrescentar ainda mais. Segui por muitos anos sem me permitir crescer como uma profissional mais “completa” que conseguiria se deslocar entre as linhas de seguimento oferecidas pela futura profissão, me detendo apenas em uma que já possuía um domínio considerável.

Após várias voltas em torno de mim mesma, percebi que não avançaria para lugar algum se meus próximos passos continuassem presos em mim. Disciplinas após disciplina, algumas frustradas outras bem sucedidas, encontrei outra linha para seguir, o esporte, o que parecia ser tão óbvio, levaram alguns anos para ser notado. Mas entrando no campo dos esportes, novas linhas aparecem, e como escolher? Então, com muitas dúvidas e caminhando em campos novos, busquei ajuda, o que poderia ter feito muito antes, mas, por vergonha, medo e insegurança não o fiz antes. Então, sob a orientação do professor Quéfren Weld, comecei de forma mais segura, clara e confiante a dar formas ao trabalho. Então, esse trabalho, foi muito mais que um projeto de conclusão, foi uma descoberta sobre mim mesma, sobre quem sou e onde posso chegar.

Este trabalho trata de duas literaturas infanto-juvenis, são elas: Vencer ou Vencer do autor Raul Drewnick e Aventura no Império do Sul da autora Silvia Cintra Franco, obras essas que fazem parte da Coleção Vagalume. A série Vaga-Lume, voltada para o público infanto-juvenil, foi lançada pela editora Ática nos anos 70.

A Série Vaga-Lume é uma coleção de livros brasileiros voltada para o público infanto juvenil. Lançada no início do ano, Janeiro de 1973, a Editora Ática lançou a série com o objetivo de oferecer literatura de qualidade para o público juvenil e, assim, promover o gosto pela leitura, principalmente para jovens que buscam aventuras literárias.

Até 2013, a coleção tinha um total de 91 obras, divididas na série Vaga-lume, com 69 livros, e a Vaga-lume Júnior, com 22. No primeiro grupo, as mais vendidas são A Ilha Perdida, O Escaravelho do Diabo, Açúcar Amargo, Deu a Louca no Tempo e A Turma da Rua Quinze. Mesmo após décadas da primeira edição, as principais características foram mantidas.

O primeiro livro lançado em 1973 – A ilha perdida de Maria José Dupré, Originalmente lançado em 1945 por Maria José Dupré, o livro é o maior sucesso da coleção. Estima-se que o livro tenha vendido 3,5 milhões de exemplares.

Faremos então uma análise das obras, suas formas de abordar a prática do vôlei feminino em diferentes contextos sociais, escolar e familiar na sociedade. No romance *Vencer ou Vencer* nos deparamos com uma equipe colegial intitulada Clube das Amigas do Vôlei – CAVB, que atua em competições regionais, ainda que muitas integrantes não olhassem a prática como uma oportunidade para um futuro promissor, mas sim, como uma prática oportunizada na escola ou modalidade esportiva de sua preferência, sem muitas pretensões com relação ao futuro no esporte. Essa equipe de voleibol é treinada pelo professor de educação física que escreveu sua história como jogador profissional de vôlei, trazendo experiências como jogador da modalidade e com conhecimento trazido de sua formação acadêmica, o que facilitava o entendimento das limitações enfrentadas pela equipe escolar. Dentro destes desafios, existe uma integrante do “Clube” chamada Lucinha, que decide buscar o profissionalismo em outra equipe não mais colegial, pois em sua equipe não encontrava suporte para crescer. Para conseguir seus objetivos, a integrante da equipe Lucinha teve que enfrentar um obstáculo familiar, como a permissão do pai para morar longe e principalmente seguir carreira profissional no esporte.

Saindo do ambiente mesclado entre colegial e profissional, entramos em um ambiente muito definido e coeso, encontrado na literatura *Aventura no Império do Sol*, onde uma equipe juvenil de atletas de rendimento, chamada Baleia Azul, com alguns anos de experiência, corre o risco de perder o patrocínio, o que resultaria no fechamento do clube e consequente encerramento da carreira de todos nesta equipe. Isto gera, então, em todos, motivação para ganhar o campeonato que será fora da nação brasileira. Enfrentado todas as barreiras, a equipe dá o seu máximo para trazer o troféu para casa e, com ele, a garantia da permanência do patrocínio. Mais uma vez encontramos a falta de permissão do pai, a falta de

apoio do parceiro/namorado, obstáculos que surgem para desaninar e desmotivar. A equipe Baleia azul é composta pelo treinador, uma técnica, uma médica, um dirigente para preparar de forma eficaz a equipe que ainda é juvenil, mas, de rendimento. Encontramos realidades paralelas, experiências expostas diante da mesma prática esportiva, o vôlei.

Analisando o esporte de rendimento e o esporte escolar, encontramos algumas diferenças não apenas no prenho do jogador ou na técnica, se é que é possível colocar assim, mas também diferenças de forma surpreendentemente claras quando a mesma modalidade é praticada por homens ou por mulheres, interferindo assim na visibilidade que lhe é conferida. Então, entender essas diferenças é nosso objeto de estudo, observando que na escola ou no time ou no pensamento cotidiano, a prática é mais diferenciada por quem a executa “homem ou mulher” do que pelo nível de prática/técnica que cada jogador obtém.

Este trabalho procura trazer a mulher, sua força, como é vista e como deve se ver, e a prática esportiva e suas diferenças quando praticadas em ambientes distintos. Iremos nos debruçar sobre como é compreendida e percebida a presença da mulher no esporte e sobre a prática pedagógica e o rendimento em diferentes ambientes da sociedade.

Partindo para a execução do projeto, foi feito uma leitura elementar Medeiros (2014) Inicialmente foi feito uma leitura elementar das literaturas, para conhecimento das obras, então, voltamos com uma leitura inspecional, gastando-se mais tempo na leitura buscando encontrar os postos ou semelhanças a serem estudados. Depois de feita as leituras de forma individual, como sendo um estudo comparativo, foram passadas para uma leitura analítica, é minuciosa, exigindo o entendimento da história, o melhor que puder, em seguida parte-se para a leitura sintética, comparando um romance com o outro, encontrando pontos divergentes e principalmente que convergem, para então partirmos para a construção de um pensamento, de uma ideia. Então foram feitas várias conversas e questionamentos entre uma literatura e outra, buscando compreensão plena dos pontos retirados para estudo.

“Os quatro tipos de leitura são cumulativos”. (MEDEIROS, 2014 p.68) Entende-se que não há uma leitura tão-somente, mas vários tipos de leitura. Há um processo de interação e texto que possibilita a identificação de múltiplos significados. Textos diferentes exigem diferentes estratégias de leitura. Assim um texto ficcional pede leitura diversa daquela que se realiza de um texto científico. São níveis de leitura informativa programática, funcional, a leitura pode não ser muito agradável e prazerosa, mas é empreendida com finalidade prática, objetivando o resultado que o leitor espera desse esforço.

CAPÍTULO I – CONCEITUALIZAÇÃO PEDAGÓGICA, ESPORTIVA E PROFISSIONALIZANTE DO ESPORTE E A INSERSÃO E ASCENSÃO FEMININA

De acordo com Bracht (2000): “A Educação Física escolar passa por um momento em que sua existência encontra-se ameaçada e isto na medida em que foi abandonada pelo projeto neoliberal de educação e pelo próprio sistema esportivo que dela pode prescindir para o seu desenvolvimento, pois as escolinhas esportivas substituem com "vantagens" a Educação Física”.

Profissionalizar o esporte não é caráter das aulas de educação física, o que compete ao professor enquanto professor é trazer para a escola o contato com as modalidades sem qualquer pretensão de profissionalizá-la e esse comportamento não pode e não deve ser associado à falta de competência ou conhecimento.

De acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), é importante que se faça uma separação expondo os diferentes objetivos da educação física escolar e da prática esportiva, e demais seguimentos como dança, ginástica e lutas de alto nível, pois mesmo estando ligados, o auto rendimento não é o objetivo da escola. As aulas de educação física não devem ser seletivas, mas abertas a todos, permitindo que todos tenham o mesmo direito de desenvolver seus potencias.

Então, é preciso um entendimento mais claro sobre a função que cabe ao professor e a função que cabe a um técnico/treinador. Pois, por mais que pareçam exercer a mesma função, a visão e objetivos de cada um quando enxergam o aluno ou o atleta são diferentes.

PRÁTICA PEDAGÓGICO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional (2001), no passado a educação física esteve fortemente ligada instituição militar e a burguesia em busca da melhor condição de vida, então alguns médicos trabalharam como higienistas, ensinando bons hábitos para melhoria da saúde e higiene de todos. A educação física passa, então, a contribuir com a educação do corpo buscando um físico saudável, menos sujeito a doenças, mais equilibrado.

Bucavam o aprimoramento físico, mesmo sem essa finalidade intensões, ao trabalhar o corpo trabalhava a mente, o corpo vivo precisa estar em movimento. Um corpo parado é um corpo morto, trabalhá-lo o mantém em constante renovação, o que promovia a sua saúde.

Ainda de acordo com o Parâmetro curricular Nacional (2001), a educação física tem uma tradição de ao menos meio século, construindo um saber, buscando e reformulando a construção de si mesma. A educação física domina muitos conhecimentos sobre o corpo e o movimento, fazendo parte também o brincar, expressões de sentimentos, a externização do emocional, promovendo e mantendo a saúde do ser.

Ao compreender a escola como espaço em que se produzem, reconstroem e analisam significados é desejável que as crianças vivenciem as modalidades esportivas presentes no universo cultural próximo e afastado. Também é fundamental refletir criticamente acerca das representações veiculadas sobre elas, bem como sobre os seus praticantes. A intenção é oferecer a cada criança a oportunidade de travar contato com as diversas identidades que coabitam a sociedade (NEIRA, 2014, p.140).

O professor de Educação física é um educador, onde sua pedagogia terá uma participação decisiva na construção de valores, no saber-fazer e no saber-compreender as atividades e os pressupostos ligados a Educação Física, tanto para crianças quanto para jovens, quando abordada em uma pedagogia esportiva adequada.

Historicamente a escola foi vista como um 'lugar de cultura': primeiro numa acepção idealizada de aquisição de conhecimentos e das normas 'universais', mais tarde numa perspectiva crítica de inculcação ideológica e de reprodução social. Num e noutro caso, ignorou-se o trabalho interno de produção de uma cultura escolar, em relação com o conjunto das culturas em conflito numa dada sociedade, mas com especificidades próprias que não podem ser olhadas apenas pelo prisma das sobredeterminações do mundo exterior. (Nóvoa, 1994. p.15).

O campo é amplo e as possibilidades são vastas, trazer matérias do ambiente, da realidade dos alunos, trará mais conhecimento de si e do outro, muito mais que aulas técnicas, prontas, e que em nenhum momento tocam a realidades deles. Trazer o esporte para a escola irá aproximar mais meninos e meninas da cultura esportiva.

Pesquisas demonstram que meninas e meninos se aproximam do esporte a partir de perspectivas marcadamente distintas. Aqueles responsáveis pelo esporte, pela educação, pela recreação e pela educação física dos jovens deveriam garantir que uma gama equitativa de oportunidades e experiências de aprendizagem que acomode valores, atitudes e aspirações de meninas seja incorporada em programas voltados ao desenvolvimento da aptidão física e das habilidades esportivas básicas de jovens. (THE BRIGHTON DECLARATION, 1994, p. 100).

Pensar nas aulas de educação com maior amplitude possibilitará aos alunos uma gama de aprendizados e experiências que levaram para a vida toda. Em muitos casos interferirá diretamente nas escolhas profissionais no futuro. E mesmo que não os direcione para o esporte profissional, terá dado aos aluno um vasto conhecimento sobre as possibilidades de movimentos corporais.

Educação Física permite que se vivienciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variedade de combinação de influências está presente na vida cotidiana. As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado (PARÂMENTRO CURRICULAR NACIONAL, 2012, p.28).

O ambiente escolar é propício para grandes descobertas e aprendizados, e ao longo da história existiram grandes mudanças na maneira de fazer educação, de ensinar e o que ensinar, e com o esporte/educação não foi diferente. Isso não quer dizer no entanto que fica proibido o uso do esporte na educação física, escolher modalidades esportivas para serem trabalhadas nas aulas em uma instituição escolar. O professor é livre para decidir e escolher o que irá usar e como irá trabalhar em suas aulas, buscando sempre entender o contexto em que está inserido para então trazer elementos que enriqueçam ainda mais seus alunos de conhecimento.

A prática esportiva, tal como ocorre com as demais atividades lúdicas, proporciona a criação de outra realidade, para além da vida cotidiana. O esporte é uma forma de satisfazer a necessidade de fantasia, utopia, justiça, estética, socialização, enfrentamento, conquista, mas também o gosto pelo inesperado, pelo imprevisível e pela busca da dificuldade gratuita apenas para ter o gosto de vencê-la (NEIRA,2014, p.125).

Entendemos então que a função de um professor de educação física vai muito além do que a promoção do esporte, ele está comprometido em movimentar o corpo e trabalhar todas as linhas e extensões que vão além do corpo físico, mas também o imaginário, trazendo para fora emoções e sentimentos existente no ser, trabalhando não só o corpo físico mas o indivíduo que habita no corpo.

A depender do grupo que participa e da modalidade em tela, qualquer um poderá figurar como identidade ou diferença. Quanto mais variadas e interseccionadas forem essas experiências, melhores serão os efeitos pedagógicos (NEIRA, 2014, p.140).

De acordo com Neira (2014), é importante investigar o comportamento, movimento e individualidade de cada atividade, e trazer debates, dando maior importância ao aprendizado dos significados da leitura feita pelos integrantes do grupo. É importante lembrar que os sujeitos da educação também são cidadãos do mundo e, sendo assim, deparam-se cotidianamente com discursos, noções, fragmentos, representações e conhecimentos alusivos ao esporte.

O esporte não se encaixa na produção de bens materiais, mas serve para fins rituais de representação, além de estimular o prazer corporal e o ajuste ao limiar de dor, materializados na superação dos limites do corpo. (NEIRA, 2014, p.125).

A HISTÓRIA DO ESPORTE E SUA PROFISSIONALIZAÇÃO

Na literatura “Vencer ou vencer” encontramos a prática do esporte dentro e fora da escola, como uma busca pela profissionalização do antes era apenas uma prática pedagógica, uma experiência escolar. Diante dessa busca pelo profissionalismo da prática, faremos uma explanação sobre a história do esporte e sua profissionalização.

De acordo com Neira (2014), o que hoje se entende por esporte tem suas origens na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII como produto de uma série de transformações dos jogos tradicionais, levadas a cabo pela aristocracia, sobretudo nas escolas que atendiam aos filhos da alta burguesia. Originalmente visto com caráter disciplinador e usado para formação de caráter, o esporte recreativo era voltado para as classes dominantes, com cunho educativo e civilizador, pois estariam ocupando posições de prestígio. As práticas tomaram forma condizente aos seus participantes, pois ao passo que ocupavam o seu tempo livre, transmitiam aos seus filhos os valores e importância das atividades, que contrastava com o da população.

Ainda segundo Neira (2014), a busca crescente por tais práticas fez nascer novas modalidades com competência para competições, e o que foi prática só da classe alta aos poucos passou a ser popular. O número dos que praticam esportes cresceu, deixando de ser apenas atividade da burguesia, e com o crescimento de adeptos, nasceu as instituições e claro, marcas de produtos associados ao esporte.

Para manter a ordem e controle financeiro devido a crescente procura pela prática esporte muitos dirigentes criaram normas limitadoras, para que o crescimento fosse

controlado. Todos os procedimentos quanto a treinamentos foram modificados pois o esporte foi transformado em espetáculo e precisava manter os benefícios econômicos “via profissionalização do esporte” (NEIRA, 2012, p.128). Segundo Neira (2014), entendemos o esporte como sistema cheio de regras, todas regulamentadas, codificadas e seletivas, com o objetivo de comparar e medir o rendimento dos atletas.

Paulatinamente, os campeonatos transformaram-se em formas de entretenimento altamente rentáveis. Para além dos dividendos financeiros, a expansão sem limites e o arrebatamento de aficionados podem ser explicados pelo seu uso como instrumento de controle social extremamente econômico (NEIRA, 2014, p.131).

HISTÓRIA DO VOLEIBOL NO BRASIL

Especificando o esporte voleibol, traçaremos uma linha breve sobre a sua história e sua rápida ascendência no gosto popular. Marchi Júnior (2001) diz: que o voleibol nasce para atender a uma necessidade de uma classe da elite chamada clubista cristã. De acordo com Bizzochi (2004), em 1915 a prática do voleibol cresceu e foi melhor divulgada nos Estados Unidos, através da união de órgãos públicos da educação, que indicou a prática nos programas de Educação física das escolas norte americanas. Na década de 60 o voleibol foi considerado o esporte mais popular em 25 países (incluindo Japão, Checoslováquia, União Soviética e China) dentre mais de cem filiados à FIVB. Era o terceiro esporte coletivo mais praticado no mundo, possuindo números superiores a 60 milhões de praticantes. (BIZZOCCHI, 2004, p.8)

A partir da década de 90 é criado a Liga Mundial pela FIVB, procurando profissionalizar o esporte, ao mesmo tempo em que buscava aumentar o intercâmbio entre os países, valorizando o calendário de competições da entidade. (ANFILO, 2003, p.17).

Para Anfilo (2003), além da super valorização das competições, a FIVB trabalhou para ampliar o esporte por todas as camadas sociais, dando importância maior a escolarização da prática nos sistemas educacionais e com a popularização, chegando em todas as camadas sociais. Popularizar o esporte intensificou a sua visibilidade social, com vistas ao crescimento industrial. Anfilo (2003) diz: partindo de uma visão comercial e empresarial, a FIVB tem o objetivo de unir o voleibol com várias empresas promocionais para recursos financeiros. Esse objetivo busca a inserção à indústria midiática o que seria chamado de espetacularização do esporte.

Mas essa explosão de adeptos a prática do voleibol não aconteceu apenas nos Estados Unidos, deu-se também aqui no Brasil, ficando em segundo lugar na preferência esportiva nacional, e entre os melhores no campo mundial. A afirmação de que a “escola brasileira de Voleibol é a referência mundial da modalidade” vem sendo reforçada a cada competição no nível de alto rendimento esportivo. [...] o Brasil continua entre as primeiras colocações no voleibol feminino e masculino, a frente de países historicamente hegemonicos como Rússia, Sérvia, Estados Unidos, Japão, Cuba, Itália e China (FIVB, 1012^a, 2012b) (Confederação Brasileira de Voleibol Seleção brasileira).

Vice-líder do ranking mundial da FIVB, a seleção feminina brasileira seguiu uma cronologia diferenciada em relação já masculina, sobretudo em termos de resultados internacionais. (Confederação Brasileira de Voleibol Seleção brasileira).

De acordo com a Confederação Brasileira de Voleibol Seleção brasileira, a equipe feminina não tinha conseguido muitas conquistas como o esperado, então a Confederação Brasileira de Vôlei, lançou as jogadoras numa estratégia de marketing chamada: musas do voleibol, que se transformou numa moeda de troca, importante para a divulgação do voleibol feminino no Brasil. Com a profissionalização do futebol brasileiro, em 1933, o voleibol, assim como todos os demais esportes amadores, tiveram um corte no seu crescimento. Particularmente no Rio de Janeiro, o vôlei sobreviveu graças as areias da praia, onde continuou a ser praticado como jogo recreativo ao ar livre (BIZZOCCHI, 2004, p.17).

Assim, na década de 60, tendo o vôlei uma instituição organizada nacionalmente, a modalidade “começa a se consolidar, passando ser um dos esportes mais praticados no país, sendo que, nesse período, as equipes brasileiras passaram a conquistar vários títulos internacionais importantes.” (BIZZOCCHI, 2004, p19).

Com a equipe conquistando cada vez mais “a seleção masculina vence o mundialito realizado no Brasil em 82; foi vice-campeão no mundial da Argentina nesse mesmo ano e foi medalha de prata nas Olimpíadas de Los Angeles em 1984”. Sem ficar para trás a “seleção feminina o Sul-Americano em 1981” colocando por terra o legado peruano no continente. “O voleibol virou coqueluche nacional”. “Era o primeiro na preferência dos adolescentes e ocupando o segundo lugar entre os esportes mais praticados pelos brasileiros.” (ibidem., p22)

De acordo com Bizzocchi (2004), a CBV ganhou da FIVB o prêmio que colocou o Brasil como o melhor time de voleibol do planeta, tudo isso graças as conquistas feitas por várias categorias, tanto feminina quanto masculina. Transformar os atletas em ídolos

mundialmente conhecidos e a desmedida profissionalização do voleibol foram, segundo Pinheiro (1997), o que alavancou a grande extensão do vôlei mundialmente

A década de 80, então, pode ser considerada a que o voleibol teve grande respaldo em nível de divulgação, considerando que alguns jogos passaram a ser televisionados e também pela criação de uma revista direcionada especialmente para esta modalidade – a Revista Saque, a qual, em seu primeiro número, justificou tal empreendimento publicitário da seguinte forma: “As pesquisas não mentem jamais. Depois do futebol, vôlei na cabeça. E por que não uma revista mensal para os amantes da segunda paixão nacional? E por que não uma revista feita pelos “Pelés” do Voleibol, por quem realmente está com a bola toda?”. (MATTHLESEN, 1994, p.197).

O esporte passar a ser mania nacional caindo no gosto de todos independente de classe social. Mas ainda com baixa visibilidade feminina devido ao entendimento de masculinização da mulher. Implicando também na abertura midiática já que o jogo feminino não era tão bem visto pela grande maioria que detinham o controle o esporte nacional.

Assim, identificamos na história do esporte que a atividade esportiva, enquanto símbolo de um imaginário de força, poder e músculo, se enquadraria como atividade masculina, portanto a mulher deveria ser poupadá deste possível processo de masculinização, ou seja, não deveria estar presente da mesma forma que o homem no mundo esportivo. Em decorrência deste conceito, notamos a pequena participação das mulheres e também de um tratamento pela mídia que não é o mesmo dado aos homens (MARTINS, MORAES, 2007, p.2).

ESPORTE, MULHER

De acordo com Neira (2014), as mulheres vem conquistando significativamente seu espaço no esporte desde a metade do século XX, no entanto, não podemos dizer que exista um nivelamento real e que em algum momento isso venha a ocorrer. O esporte continua sendo um ambiente preferencialmente masculino, branco, heterossexual e cristão.

No século XVII, houve uma profunda mudança, onde a mulher perde seus direitos, sendo subjugada pelo marido ou, quando solteira, pelo parente homem mais próximo. O que acabou por excluir a mulher das atividades esportivas. Somente no século XVIII e início do XIX a mulher começa a retomar o acesso aos esportes, quando cavalheiros ingleses passam a levar suas esposas a assistir alguns eventos como boxe, remo e corridas de cavalo. Época que as mulheres iniciam a participação em eventos tipicamente masculinos, como boliche, cricket, bilhar, arco e flecha e alguns esportes praticados na neve (OLIVEIRA, et.al., 2008, p118).

Ainda de acordo com OLIVEIRA, et.al., (2008), as regras foram mudando com o passar de alguns anos, outras se adaptando, e as mulheres eram praticantes das mesmas atividades que os homens, abrangendo também jogos populares, como os com bola.

A participação feminina foi admitida formalmente em 1900, nos Jogos Olímpicos de Paris, em que 19 mulheres competiram em dois esportes – golfe e tênis (CIDADE, ROCHA, p.45).

De acordo com Goellner (2006), faremos parte de um grande evento somente em 1932, com outras características em um novo momento com nova representação esportiva. Na Olimpíada que teve por sede a cidade de Los Angeles, o Brasil registra a sua primeira atleta: Maria Lenk, nadadora com apenas 17 anos de idade,

O professor da Escola Superior de Educação Physica de São Paulo, Américo R. Netto, assim proclama: Foi o Esporte que, realmente, modernizou a mulher. (GOELLNER, 2006, p.91).

A mulher então começa a surgir no cenário esportivo por motivos estéticos e procriador, a imagem feminina no esporte se dará para fins civilizatórios. Nunca será demais encarar a importância do esporte para a mulher. As portas do esporte se abrem para a mulher devido ao novo entendimento sobre os benefícios de suas práticas para o corpo fértil feminino e não por compreensão que as mulheres tinham direito praticar a modalidade em questão.

Quanto mais nos aprofundarmos nos estudos tendentes a efetivar a eugenia da raça, nas pesquisas destinadas a solucionar os problemas relativos à saúde humana, a dar ao homem e à mulher o máximo de sua eficiência física para a vida, mais nos compenetramos da importância capital da Educação Física feminina. É mister que nos convençamos da verdade irrefutável desse dogma – *a mulher precisa de esporte!* Precisamos identificar a mulher com a prática racional dos exercícios físicos, educá-la para uma compreensão elevada dessa forma salutar de atividade que, tanto contribui para a conservação de sua saúde e de sua beleza, para a manutenção de sua mocidade e de sua eficiência (SOBRINHO, 1930, p.21).

No Brasil, até metade do século XIX, o conservadorismo da sociedade não delegou às mulheres uma grande representatividade em alguns ambientes sociais, incluindo o esportivo, “uma vez que eram criadas para serem esposas e mães”. Aos poucos essa situação começa a mudar. Já independente de Portugal, o país se preocupa em tornar seu nome conhecido

mundialmente e “atento aos avanços europeus, incentiva o consumo de bens e costumes importados” (GOELLNER, 2006, p.86).

A inserção das mulheres brasileiras no mundo do esporte data de meados do século XIX. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que a participação se amplia adquirindo, portanto, maior visibilidade. Vale lembrar que nos primeiros anos desse século, o Brasil desperta ansioso por civilizar-se (GOELLNER, 2006, p.86).

Segundo Goellner (2012). Os médicos, em especial, os higienistas, iniciaram a Proclamar os benefícios que o exercício físico trazia para as mulheres proporcionando-lhes melhores condições orgânicas não só para enfrentar a maternidade, mas, inclusive, para embelezá-la. Ainda que o discurso da maternidade sadia e do aprimoramento da raça fosse marcadamente produzido e reproduzido não foi apenas em seu favor que as mulheres aderiram à sua prática: ele sinalizava novos tempos diante dos quais o arcaico confinamento das mulheres no interior do espaço privado simbolizava falta de cultura e de civilização. O esporte oportunizava a possibilidade de frequentar “espaços públicos” antes masculinos.

As mulheres brasileiras eram lânguidas e gráceis, portadoras de gestualidades comedidas e delicadas, cuja educação estava voltada, para o casamento e a maternidade (GOELLNER, 2012, p.2).

As preocupações com a saúde das mulheres, argumentado pelos “doutores moralistas”, não nada além de um “verniz” para não esclarecer o que de fato era, argumentos machistas. O que realmente acontecia era: “o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas ‘funções naturais’ para invadirem o espaço dos homens” (FRANZINI, 2005, p. 321).

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina (GOELLNER, 2005, p. 92).

Para Oliveira, et al. (2008), as dificuldades não se deram apenas com as mulheres no futebol. Dentro da história construída no ambiente esportivo, a conquista do espaço da mulher

aconteceu de forma geral, mas gradativa, sempre com muita luta para abertura de portas pelas variadas categorias.

O Brasil, em 2013, teve sua melhor participação em um Campeonato Mundial, na Espanha, obtendo um 13º lugar. O primeiro mundial disputado na categoria feminina foi realizado apenas em 1957, 19 anos depois do masculino, na Iugoslávia, tendo como campeã a seleção da Tchecoslováquia (CORONADO; GONZÁLEZ, 2000, apud GRECO; ROMERO, 2012, p. 24). O Brasil, em 2013, teve sua melhor participação em um Campeonato Mundial feminino, quando se sagrou campeão da competição. (PORTO, 2012, p.5).

Então, se o esporte é entendido como um fundamental elemento para uma maior divulgação e visibilidade das mulheres no espaço público e se, no decorrer da história do esporte nacional, existiu a “projeção de vários talentos esportivos femininos”, vale esclarecer que as vitórias são muito mais do esforço grupos de mulheres e homens do que “de uma efetiva política nacional de inclusão das mulheres no âmbito do esporte e das atividades de lazer” (GOELLNER, 2005, p.97).

O suposto produto “mulher & futebol” tem características diferentes do produto “homem & futebol”. Aquelas são as belas, modelos de desejo, sensuais, suas imagens privilegiam exposição e tratamento de evidência do corpo, tratando de uma mulher ideal ou então dos seres responsáveis pelos afazeres domésticos, destacando mais as curvas do que a hipertrofia, e o imaginário social ainda inclui a “bela, maternal e feminina: imagens afirmativas que permitem compreender que o corpo da mulher ao mesmo tempo que é seu não lhe pertence” (GOELLNER, 2012, p. 74).

Mas infelizmente “isso não significa afirmar que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades no campo esportivo ou que preconceitos quanto à participação feminina inexistam”. Ainda hoje, encontramos em escolas de ensino fundamental e médio a discrepância no contato de meninas e meninos nas aulas de educação física nas escolas. “Essa mesma situação pode ser observada nos espaços de lazer, na gestão esportiva, no investimento de clubes, enfim, em diversas instâncias nas quais o esporte se desenvolve” (GOELLNER, 2012, p.96).

Ainda assim é extremamente relevante enfatizar: entre rupturas e conformismos, as mulheres há muito estão presentes no esporte brasileiro ainda que, muitas vezes, o discurso oficial as tenha deixado nas zonas de sombra (GOELLNER, 2012).

MULHER E FAMÍLIA

Princípio dessas tendências afetivas reside no estatuto que é atribuído à mulher na divisão do trabalho de dominação: "As mulheres, diz Kant, não podem mais defender pessoalmente seus direitos e seus assuntos civis, assim como não lhes cabe fazer a guerra: elas só podem fazê-lo por meio de *um representante*" (BOURDIEU, 2012, p.97).

A mulher pode praticar o esporte desde que não precise sair de casa, desde que suas prioridades sejam a casa e a família. E é justamente na família, dentro de casa que esses valores são construídos, de onde deveriam vir os primeiros ensinamentos de igualdade, mas se os pais olham para os filhos com diferenças, como avançaremos?

Na análise do futebol, para Marques (2008), o apoio e presença dos pais é de suma importância, de caráter influenciador decisivo na evolução que o filho pode atingir. Côté (1999) afirma que: os pais precisam se adaptar as mudanças constantes da carreira profissional de seus filhos, e entender seu papel no decorrer dela.

Bourdieu (2012) afirma ainda que não só na família, mas também o universo escolar e no trabalho, no universo burocrático e no campo da mídia leva a deixar em pedaços a imagem fantasiosa de um “eterno feminino” para fazer ver melhor a permanência da estrutura da relação de dominação entre os homens e as mulheres.

O “não-dito”, nesse sentido, ensina que há uma moral sexual do corpo social regulando as relações escolares. Esses ensinamentos invadem outros espaços escolares, entra “nas práticas escolares e nas vivências coletivas das brincadeiras das crianças, promovendo uma única forma de sexualidade, aquela que legitima e valoriza masculinidades e feminilidades heterossexuais” (WENETZ, 2013, p.41).

O profissionalismo esportivo ainda nos remete a ideia de que seria impossível para o atleta construir uma família e ser de alto rendimento para o clube ou delegação. A penalidade para a mulher sempre será maior, pois são elas quem carregam os filhos no ventre, são elas que durante a gestação são impossibilitadas de treinar, passando ainda todo o tempo de recuperação pós parto. Enquanto que para o homem, ter um filho ou mais um filho não implicará na pausa da sua carreira, nem em sua mudança de hábitos. A socialização diferencial predispõe os homens a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que os jogam; o charme masculino é, por um lado, o charme do poder, a sedução que a posse

do poder exerce, por si mesma, sobre os corpos cujas próprias pulsões e cujos desejos são politicamente socializados (BOURDIEU, 2012, p.98).

CAPÍTULO II – ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS LITERATURAS

Após a leitura das duas obras, daremos mais destaque para Vencer ou Vencer do que Aventuras no Império do Sol, pois encontramos nele dois ambientes onde o esporte é praticado: a escola e no clube esportivo. Está explícito o romper da protagonista ao sair da escola regular e conquistar uma posição em uma equipe profissional, enfrentando barreiras de preconceitos dentro de sua própria casa, o que podemos colocar como o obstáculo mais difícil de ser superado.

Olhando o cenário de ambas as literaturas, encontramos semelhanças e diferenças, detalharemos então a análise feita, trazendo os romances e fazendo as comparações. O livro Vencer ou Vencer apresenta o esporte escolar, treinado/ensinado pelo professor de educação física que um dia foi jogador profissional em equipe de rendimento, com seu conhecimento técnico e experiência de jogador, preparava as alunas ensinando-as sobre posições, estratégias, ataques, defesas, levantamentos, bloqueios e recepção para competições escolares com as escolas da região.

Enquanto prática pedagógica, nenhuma atividade que utiliza modalidades esportivas tem a intenção de treinar jogadores, mas tem o compromisso de trazer o esporte, a experiência e contato com elementos pertencentes à cultura. Mas observando a metodologia usada nas aulas do professor Zé Florêncio, não são encontradas nelas características do esporte pedagogizado, mas sim, uma representação de um treinamento esportivo profissional com toda normatização, táticas e estratégias. Sendo assim percebemos o desvio do ideal para as aulas de educação física. Enquanto atividade escolar, não é exigido do grupo as responsabilidades de uma equipe profissional. Enquanto atividade para o contato com a cultura esportiva, é somente exigido do grupo sua participação e empenho para melhor aquisição do novo conhecimento ali apresentado.

“Você enche a boca e me fala no Zé Florêncio como se ele fosse um doutor em voleibol... O Zé Florêncio é só um professor de Educação Física, e olhe lá.” (DREWNICK, 1996, p. 12).

Para falar do professor de Educação Física, a autora utiliza a expressão “só” e “doutor em voleibol” em um sentido que nos parece irônico, tanto porque não há um doutorado em Voleibol, quanto à expressão “só” parece minimizar ou desvalorizar o professor de Educação Física. Quando um professor escolhe trabalhar esportes - a prática esportiva, essa escolha não o transforma em um treinador de equipe, mas o torna um mediador que transfere em suas aulas a cultura esportiva local, nacional e até mesmo mundial. Ou aquele que decide não trabalhar esporte também não o classifica como um desqualificado para a função sem conhecimento esportivo. O classifica como um intermediador de práticas corporais, a cultura corporal do movimento.

Nos treinos e nos jogos contra times de municípios vizinhos, Lucinha é sempre a que mais se empenha. Para ela, não há bolas perdidas. Vai buscá-las onde estiverem: no meio, no canto, no fundo da quadra. Esparrama-se toda, rala os joelhos, machuca o ombro, raspa os cotovelos, mas continua saltando, defendendo, cortando com a mesma disposição até o fim das partidas. Perder não é com ela. (DREWNCK, 1995, p. 10).

Em um determinado ponto da história do esporte, ele passou a ser utilizado para a ascensão de nível social, para a mudança na condição de vida, que em muitos casos eram menos favorecidos, mas encontramos também, como é o caso da personagem principal do livro, a escolha do esporte como carreira profissional e não como divertimento e lazer. Em “Vencer ou vencer” a prática esportiva deixa de ser apropriação da cultura do esporte e passa a ser prática esportiva de rendimento profissional. Quando o narrador diz “é a que mais se empenha” mostra toda a dedicação tanto com a equipe quanto ao esporte, almejando já um futuro promissor em grandes times.

Seu sonho é um dia jogar num time invencível, formado por garotas decididas como ela, e chegar à seleção brasileira (DREWNCK, 1995, p. 10).

Quando se ama o esporte e não os jogadores, tal comportamento já é motivação suficiente para não aceitar nada menos do que se tem capacidade para conseguir. A falta de interesse e empenho da equipe faz nascer ainda mais o desejo de sair do “amadorismo” e buscar o profissionalismo, pois não há como jogar e conquistar grandes títulos competindo com quem não busca os mesmos objetivos.

Mas algumas sócias do CAVB jogam vôlei, no colégio de Laranjeiras, cidadezinha de vinte mil habitantes no interior de São Paulo, mas nenhuma encara o esporte com tanta seriedade (DREWNCK, 1995, p. 08).

Jovens meninas que praticavam a modalidade no Colégio de Laranjeiras por serem admiradoras tanto da modalidade quanto dos jogadores masculinos da seleção brasileira, não enxergavam a atividade como “ponte” para o esporte de rendimento. Mas existia uma que encontrava ali a possibilidade de crescer profissionalmente e não aceitava que suas parceiras de equipe não enxergassem como ela.

E fica furiosa quando as companheiras de time, para consolá-las, dizem que vôlei é assim mesmo: às vezes se ganha, às vezes se perde (DREWNCK, 1995, p. 10).

Quando entramos na literatura de Franco, “Aventura no Império do Sol” diferentemente da literatura de Drewnck, encontramos um cenário onde o Voleibol está presente, mas não como equipe escolar, onde uma integrante deseja a ascensão esportiva; agora encontramos uma equipe de vôlei profissional que busca o crescimento e reconhecimento.

[...] Cacá relembrou a descoberta da manhã a Belinha quis saber se Reca tinha time em São paulo. – Eu tinha em Minas. Agora vou ter que procurar um clube aqui. Não quero parar de jogar. (FRANCO, 1993, p. 13).

No ponto que diferencia os romances que seria a forma inicial, onde um sai de uma escola para o profissionalismo e o outro já inicia no campo profissional, agora encontramos as semelhanças, pois ao final, ambos então em campos profissionais-depois de lutas, esforços e muitas pressões. Jovens meninas que jogam em clubes profissionais, ainda que na equipe juvenil, mas, com potencial da equipe profissional, eram aspirantes a jogadoras da equipe oficial do clube. Todas elas buscavam a valorização e reconhecimento do seu trabalho. Entrelaçaremos então a modalidade esportiva voleibol com a presença da mulher como ponto principal.

Encontram limitações para mulheres quando essas escolhem serem atletas. Estudar, ser dona de casa, mãe são opções colocadas para as mulheres e/ou quando entram para o esporte, estaria sentenciada a não construírem famílias, para que seu rendimento não baixe ou precise

se ausentar de treinamento, o que em nada pesaria para um homem que decide seguir carreira profissional no esporte ou construir família.

Zizi Mão de Ouro – Eu acho que o voleibol é coisa séria. Não dá pra ficar brincando com isso. Ou a pessoa joga ou cuida da família. Não dá pra ficar pulando de galho em galho (DREWNCK, 1995, p. 96).

A atleta de auto rendimento opta por abandonar as quadras, talvez para não ser cobrada por seu rendimento que talvez pudesse vir a cair, mas por estar desempenhando outras funções que escolheu para si. Talvez por não ter ninguém com quem possa contar para continuar a fazer o que tanto lhe agrada, talvez por saber que a sociedade espera comportamentos diferentes de um homem/pai e de uma mulher/mãe, e essa mulher/mãe, seja sempre a que vai abrir mão em favor dos filhos, e cobrada por tal escolha.

As seis jogadoras em todas da seleção brasileira, mas a melhor era a Ana Lígia, não era? Que levantadora! Acho que ela foi a maior jogadora do mundo, que pena que ela não joga mais... É ela parou porque queria ficar mais tempo com o marido – disse Estanislau. – E também com a filha, que sofre de bronquite crônica – completou Lucinha (DREWNICK, 1996. p.31).

Em “Vencer ou Vencer”, o escritor Drewnick (1996), coloca dois pontos de vista partindo de uma mesma ação. Quando o personagem Estanislau coloca o motivo de a atleta ter deixado as quadras para ficar mais tempo com o marido e Lucinha coloca razões muito mais convincentes, como quem não queria desmentir a outra, mas coloca os motivos que justificavelmente explicariam o seu afastamento. O “e também com a filha” coloca uma ideia de que ficou faltando completar a informação que foi-apresentada, que por ser mulher o afastamento se daria por qualquer razão afetiva, como uma imposição do companheiro em querer a parceira mais em casa. Mas, sem dúvida, o peso de uma filha justificaria qualquer afastamento da mãe, visto que dificilmente um pai se ausenta de seus trabalhos para ficar com o filho.

Esta realidade é presente em todas as modalidades femininas. A mulher conquista seu espaço no ambiente esportivo, mas nunca é colocada em níveis iguais aos dos homens, com corpos bonitos e perfeitos. Poderia então a própria mulher contribuir para a não expansão do esporte feminino? Quando o narrador do livro coloca como uma preferência do clube assistir a seleção masculina e não feminina fica posto dois pontos. O primeiro e muito claro, o gosto pelo voleibol não se dava pelo prazer em jogar e, sim pelo prazer em assistir homens bonitos

jogando. O segundo ponto, e mais preocupante, é a descrença na equipe feminina de que não teriam conteúdo para acrescentar quanto a seleção masculina. Logo, não seria surpresa a diferença de tratamento, visto que as próprias mulheres não reconhecem os próprios méritos.

Já se cansou de pedir à presidente que passe jogos femininos. Mas Patrícia só promete, promete, e nada de vôlei feminino. Os jogos programados são sempre os da seleção masculina na Olimpíada de Barcelona (DREWNICK, 1996 p. 10).

Comportamentos como esse reforça ainda mais a ideia de que não valem os esforços para manter ou promover o esporte feminino, pois em potencial não teriam nada para oferecer. Diferentes do homem que não assiste a jogos para ver homens bonitos e, sim a competência nas quadras ou campos, assistem por gostar do esporte. Não deveriam então as mulheres serem as propagadoras das modalidades femininas e “gastar” tempo assistindo a jogos femininos de todas as categorias esportivas. Talvez então as diferenças gritantes por causa do gênero não fossem tão exorbitantes.

Filhos. Onze filhos. – Fábio, se você contar esse projeto ao Dedê, ao Estanislau e ao Wilsinho, eles proíbem a gente até de se falar por telefone. Homem atleta pode ter até duzentos filhos. Mulher atleta, nem pensar (DREWNICK. 1996. p. 64).

A seguinte fala “mulheres atletas, nem pensar” se referindo a quantidade de filhos que poderia ter uma atleta. Partindo do princípio que a mulher é a procriadora, a que gera e carrega o filho, que tal fenômeno é da natureza da mulher, tal função lhe é limitada, não por sua vontade e decisão, mas por dirigentes que entendem que essa função do corpo da mulher deve ser limitada ou até mesmo inutilizada se essa decide seguir no esporte profissional. Tal abdicação é devida apenas à mulher.

Toda história esportiva mostra as lutas travadas por tantas mulheres que com força abriram o caminho, abriram espaço para que hoje tantas mulheres pudessem desfrutar do direito de escolher qual profissão seguir e qual modalidade quer participar. Mas, além de lutas travadas fora de casa, para serem aceitas como atletas e reconhecidas por sua capacidade e competência, existe ainda uma luta maior, a mais dura, que a luta dentro de casa, dentro da sua própria família.

Para conseguir seu objetivo, entrar para uma equipe de voleibol profissional, a personagem de “Vencer ou vencer” teve que enfrentar um obstáculo familiar, como a permissão do Pai para morar longe, e, principalmente, seguir carreira como Jogadora de

voleibol. Pois a mãe mesmo com o coração apertado dava apoio para filha, mesmo lá no fundo também não querendo deixar, ainda assim se coloca como apoiadora do sonho da filha.

Vai convencer o pai a deixá-la ir para São Paulo para fazer o teste no Unidos, clube que ela amava de paixão (DREWNCK, 1995, p. 11).

Quando nos deparamos com situações como o não apoio familiar, alcançamos o ponto mais crítico da história não só do livro, mas da história da humanidade. Pois é na família que deveríamos encontrar e, em alguns casos encontramos, o incentivo na construção do futuro do outro que decide seguir por um caminho diferente do que talvez tivessem escolhido por ele por alguma razão sem o antes consultar sobre suas vontades e desejos. O narrador diz: “vai convencer o pai”, colocando uma situação de reprovação anteriormente ou uma condição de incerteza da aprovação.

A Lucinha precisa pensar em estudar (DREWNCK, 1995, p. 11).

A falta de apoio familiar sempre será a pior luta a ser enfrentada, pois é o pilar que sustenta todo ser humano ou deveria ser. A frustração é maior quando a não aceitação vem de casa, vem dos que deveriam ser o apoio. Quando qualquer ser humano, principalmente o jovem que entra na fase de escolher seus caminhos, não encontram em sua família, o incentivo dos pais sobre as escolhas feitas, ele pode até ser determinado e seguir mesmo que ninguém acredite, mas isso lhe custará mais esforço para um melhor desempenho, pois o medo da frustração o acompanhará. Enquanto que o que tem todo incentivo e apoio não precisará provar nada a ninguém quanto as suas competências, pois isso nunca lhe foi cobrado.

“[...] Meu pai disse que filha dele não dorme fora de casa, e muito menos fora do país. Daí eu respondi que ele tinha deixado Pedro viajar para Curitiba com o Basquete... e o Pedro é mais novo que eu. Meu pai quase me bateu de tão Bravo. Disse que o Pedro é menino e pode... Ainda deu pra ouvir meu pai dizer pra minha mãe que ela não sabia me educar [...]” (FRANCO, 1993 p. 24 e 25).

Os trechos a cima citado trazem falas de figuras familiares, não foram pessoas de fora do convívio, foram pessoas de grande influência e autoridade na vida dessas jovens mulheres. Mas encontramos na literatura “Aventura no Império do Sol” o posicionamento de outra figura masculina impondo sua decisão sobre alguém que tinha uma ligação afetiva. É injusto

ser imputado à mulher comportamentos e escolhas diante de tantas possibilidades de caminhos. Qual o motivo de tantas diferenças? Seria correto julgar o outro pela maneira que nos portamos ou nos portaríamos diante de uma determinada situação?

É meu namorado. O Caetano implicou com essa viagem. Disse que não é de namorar menina que fica viajando. Ele disse que se eu for, não preciso voltar. Ou ele ou o vôlei (FRANCO. 1993. p 25).

Uma imposição tão dura quanto a de um pai, obrigando-a a fazer uma escolha sem nem ao menos se importar com sua decisão, sem se importar com o que a deixa feliz e realizada simplesmente por não confiar, colocando-a em posição duvidosa quanto à fidelidade. “Não é de namorar menina que fica viajando” - uma fala não só de alguém que apenas por não estar perto não é merecedora de confiança, como de alguém que possivelmente se estivesse em condições semelhantes teria um comportamento inadequado para alguém comprometido. Julga o outro por seus próprios padrões de comportamento acreditando que o outro fará o que ele faria, e isso lhe causa desconforto e repulsa, preferindo não ter nenhum vínculo afetivo.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como dois autores descrevem a imagem da mulher no universo esportivo, trazendo as lutas enfrentadas dentro e fora de casa, como também qual a imagem existente no senso comum sobre a função do professor e do treinador/preparador de equipe. Além disso, também permitiu uma reflexão sobre qual a igualdade que as mulheres almejam e como querem ser vistas.

Os livros trazem lutas corriqueiras que mulheres costumam enfrentar. Enfatizo a mulher, pois em ambos os romances suas protagonistas são jovens meninas buscando a realização dos seus sonhos e também não está muito distante da realidade atual, visto que as histórias dos livros foram escritas há muitos anos atrás, e poderiam contrastar com o hoje. Mas ainda hoje, equipes femininas precisam se esforçar mais para manter tanto a equipe quanto os patrocinadores, sofrem muito mais quando decidem pela carreira de atleta pelo simples fato de serem mulheres.

Ao fazer as leituras sobre a prática esportiva enquanto educação, verificamos que a educação física passou por grandes transformações. A sua construção se deu de forma adaptativa ao momento em que era preciso. E ainda hoje, apesar de muito mais estruturada, ela continua passado por mudanças mais uma vez em adaptação ao mais recentes contexto político-histórico.

Ao olharmos para o esporte competitivo observamos que em muito foi desprendido do seu começo. O esporte tornou-se lazer para a elite, demonstração de força para sua nação, método disciplinador e educativo, ascensão de classe social e ainda continua sendo. O esporte passou por muitas construções até suas regras e regulamentos se tornarem universais e televisionados. Hoje o vôlei no Brasil é a segunda modalidade no gosto popular perdendo para o futebol.

Quando o assunto é esporte feminino, logo encontramos barreiras e dificuldades, mas, já desde o início as mulheres lutam para conseguir participar das atividades com as mesmas oportunidades que os homens. Percebemos então que surpreendentemente a modalidade do voleibol é a que mais a equipe feminina se equipara com a masculina, diferentemente do futebol que apesar de ser o esporte mais praticado no Brasil especificamente, a categoria feminina não é atrativa para o público feminino. Podemos dizer então que o vôlei é o primeiro esporte na categoria feminina mais praticada.

Dada à importância do assunto, torna-se necessário mais estudo, debates e aplicabilidade sobre o esporte/educação e o esporte de rendimento, sobre equipe de rendimento feminina, sobre a construção que está sendo feita pela sociedade quanto as diferenças de um professor para um treinador e claro, o apoio inegociável da família para com aqueles que escolhem seguir carreira no esporte.

Para acelerar os trabalhos dessa magnitude, a escola e a mídia seriam grandes aliadas para o avanço no reconhecimento de que a mulher pode estar nos esportes sem deixar de ser mulher, mãe, mas ser vista como mulher, que exerce suas funções com tamanha excelência, comprometimento e responsabilidade que um homem o faria. Que o professor não quer julgamento quanto às escolhas que fazem para trabalhar em sala de aula, ou ter suas competências questionadas por linhas de trabalho que escolhem, o profissional da educação

conhece o seu papel e função na sociedade, para tanto compete a ele como vai desenvolver seus trabalhos sem ser comparado a colegas que escolheram outras linhas ainda que muito parecidas, os fins são diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano tem uma capacidade enorme de se reinventar de se renovar de renascer de verdade, uma força que muitas vezes desconhecidas por ele mesmo, mas que brota quando ele menos espera. E tenho me visto assim, renascendo a cada novo aprendizado, me reinventando a cada novo desafio, renovando quando o tempo de mudar as velhas “penas” por novas e mais fortes. Este trabalho despertou grandes pensamentos sobre quem somos como mulheres e o que queremos para nós, onde queremos chegar e quais caminhos percorrer.

Na construção das ideias vários confrontos foram iniciados, pois como questionar os livros que foram escritos em um tempo passado. Então pensamos: eram outros tempos, outros conceitos, e o esforço maior é olhar para leitura com o olhar o tempo que foi escrito e não com o olhar contemporâneo. O esforço foi constante, mas a cada leitura se tornava mais difícil não se envolver com as histórias com os personagens, criando afetos por uns e repulsa e revolta por outros.

Mas o que permeou e ainda permeia o pensamento são as similaridades com o que passamos hoje a cerca de vários comportamentos e pensamentos. A não valorização e visibilidade do esporte feminino, que por mais que já tenhamos conquistado ainda está longe de uma igualdade de gênero esportiva. A imagem criada para a mulher que é atleta, como: o corpo bonito, o rosto bem cuidado, publicidades de cosméticos. O desrespeito com o professor de educação física, a visão sobre o professor do ensino fundamental e médio da disciplina de educação física não são valorizados ou reconhecidos como o reconhecimento e valor devido de quem estudou e se preparou tanto quanto os de outras disciplinas.

Os livros são da década de 90 e estamos no século 21, mas confesso que não muitas diferenças do passado e do presente. Claro que se olharemos para o tempo em que mulheres nem podiam jogar e hoje existem grandes competições e eventos com a presença delas, aplaudiremos por essa conquista e avanço, mas a expressividade feminina ainda é baixa e pelos anos que se veem lutando nos faltam conquista muito, pois não basta nos dá a bola ou o instrumento do esporte, os incentivos e apoios financeiros e midiáticos precisam vir juntos.

BIBLIOGRAFIA

- ANFILO, M.A. A prática do treino da seleção brasileira masculina de vôlei: processo de evolução tática e técnica na categoria infanto-juvenil. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina
- BOURDIEU, Pires. Dominação Masculina. 11º ed. Rio de Janeiro. Trad. Maria Helena Kuhner. Bertrand Brasil, 2012.
- BIZZOCCHI, C. O voleibol de alto nível: da iniciação à competição. Barueri: Manoela. 2004.
- BRACHT, Valter. Educação física e aprendizagem social. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997
- CIDADE - Ruth Eugênia, ROCHA - Maria Beatriz Ferreira - A mulher e o esporte: O Processo Civilizador e o Envolvimento Feminino Nos Esportes. Acesso em: 05 jul.2018.
- Confederação Brasileira de Voleibol Seleção brasileira. Disponível em: <http://migre.me/4uUc7>
- CÔTÉ, Jean. The influence of the family in the development of talent in sport. Sport Psychologist, v.13, p. 395-417, 1999.
- DREWNCK, Raul. Vencer ou Vencer. 4º ed. São Paulo: Editora Ática, 2001
- FRANCO, Silvia Cintra. Aventura no Império do Sul: 5º ed. São paulo: Ática, 1993
- FRANZINI, Correio da manhã, Rio de Janeiro, 28, abr, 1940, p.2
- GOELLNER, Silvana Vilodre. V Mulher e Esporte no Brasil: Entre incentivos e Intervenções elas Fazem História. Pensar a Prática, V.8, N.1, pp. 85-100, Jan/Jun 2005
- GOELLNER, Silvana. A inserção da mulher no universo cultural do esporte. 2012.
- GOELLNER. Silvana Vilodre, SOUZA, Andres Suélen. Trajetórias esportivas de jogadoras de handebol e suas narrativas sobre ser profissional da modalidade. Movimento. Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 527-538. jun 2018
- MARCHI JÚNIOR, W. Sacando o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil. Campinas. 2001. 261.267 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- MARQUES, Mauricio Pimenta. Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional. 2008. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2008.
- MATTHLESEN, S. Q. Um estudo sobre o voleibol: em busca de elementos para sua compreensão. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis: CBCE, vol. 15, nº 2, p.194-199, 1994.
- MARTINS, L. T.; MORAES, L. Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. Pensar a Prática, Goiânia, v. 1, n. 10, p. 69-81, jan./jun. 2007.
- MEDEIROS, João. Bosco. Redação Científica 12º ed. Atlas, 2014
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: 2001.
- MOREIRA, T., VLASTUIN, J. & JÚNIOR, W. M. O Voleibol Feminino e seu Posicionamento no Campo Esportivo Brasileiro. Motrivivência, Florianópolis, n 41, p. 269-280, dez 2013
- NEIRA, Marcos Garcia. Práticas Corpora: Brincadeiras, dança, lutas, esporte e ginástica: 1º ed. São Paulo: Melhoramentos, outubro de 2014.
- NÓVOA, António. "História da educação: Perspectivas atuais". Scielo. São paulo, 1994
- OLIVEIRA, G., CHEREM, E. H. & TURBINO, M. . J. A inserção histórica da mulher no esporte. Ciência e Movimento, Brasília, V.16, n. 2, p. 117-125, jul 2008

- PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. A mídia no voleibol brasileiro masculino. In: X CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Anais... Goiânia: RBCE, 1997. v. 1
- PORTO - Douglas Augusto Campos - Análise da Efetiva Seleções Femininas de Handebol nas fases finais do campeonato mundial de 2013 - 2012. Scesso em: 06 jul 2018.
- SOBRINHO, Rangel, O. Educação physica feminina. Rio de Janeiro: Typografia do patronato, 1930
- THE BRIGHTON DECLARATION ON WOMEN AND SPORT, 1994. In: FASTING, K. et al., From Brighton to Helsinki, Helsinki, Finnish Sport Federation, 2014.
- WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 117-128, jan./mar.2013.